



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES

DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Homossexualidade: o preconceito que a escola não vê

Ana Cristina Moreira da Costa

Rio de Janeiro

2006



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES

DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Homossexualidade: o preconceito que a escola não vê

Ana Cristina Moreira da Costa

Trabalho Final apresentado ao Departamento de Ensino de Ciências e Biologia, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Ensino de Ciências.

Rio de Janeiro

2006



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES

DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Homossexualidade: o preconceito que a escola não vê

Ana Cristina Moreira da Costa

Orientador: Kátia Valladares

Aprovada em ____ de _____ de 2006

.Prof: _____

.Prof: _____

Rio de Janeiro

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Costa, Ana Cristina Moreira da

“Homossexualidade: o preconceito que a escola não vê” / Ana Cristina
Moreira da Costa - 2006

p. : 46

Orientador: Kátia Valladares

Monografia (Especialização) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes.

1. sexualidade. 2. homossexualidade. 3. preconceito. 4. Teses. I. Valladares,
Kátia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia
Roberto Alcântara Gomes. III. Título

DEDICATÓRIA

*Ao meu marido Demétrio, que mesmo distante, se fez presente
com palavras de carinho e incentivo.*

*À vocês meus filhos, João Victor e Arthur,
que me fazem crescer a cada dia,
e acreditar,
que o amor se expressa da maneira mais simples do mundo.*

AGRADECIMENTOS

*Aos meus pais, Eunice e Gilvan,
que me fizeram entender que com amor e respeito ao próximo,
podemos construir um mundo melhor.*



Às amigas Simone e Cristina, que juntas, conseguimos mais essa vitória!



*À Direção do Colégio Estadual Dr Albert Sabin, por permitir que eu pudesse passar o
questionário aos seus alunos.
Em especial à Diretora Prof^a Sirléia Reis, minha mãe preta, pelo apoio e carinho.*



*À Professora Kátia Valladares, minha Orientadora,
pelas valiosas críticas e sugestões para que eu pudesse elaborar esse trabalho*



Ao amigo, Bruno Corbacho, pelos seus conhecimentos e pela paciência.



Ao meu irmão Cláudio, pelo apoio e sugestão do tema.



À Alexandra pela amizade e torcida

LISTA DE GRÁFICOS

		Página
Gráfico 1	Preconceito sofridos entre alunos entrevistados	25
Gráfico 2	Tipos de preconceitos sofridos entre homens	25
Gráfico 3	Preconceito entre os entrevistados	26
Gráfico 4	Conhecimento de algum homossexual	26
Gráfico 5	Posição dos entrevistados sobre se a homossexualidade é uma doença	27
Gráfico 6	Posição dos entrevistados sobre a convivência com o homossexual em sala de aula	28
Gráfico 7	Relação entre homens e mulheres sobre o não convívio com homossexuais em sala de aula	28
Gráfico 8	Posição de homens entrevistados sobre a convivência com colega homossexual em sua residência	29
Gráfico 9	Posição de mulheres entrevistadas sobre a convivência com colega homossexual em sua residência	29
Gráfico 10	Participação de entrevistados em “brincadeiras de conotação negativa” contra colegas homossexuais	30
Gráfico 11	Importância sobre discussão de temas sobre a homossexualidade	30

SUMÁRIO

Lista de Gráficos	vi
Resumo	viii
Abstract	ix
Introdução	01
Cap 1 – Homossexualidade	04
1.1. Conceito	04
1.2. Histórico	05
Cap. 2 – Adolescência e Sexualidade	08
Cap. 3 – Escola x Inclusão	11
Cap. 4 – Metodologia	15
Cap. 5 – Levantamento dos Dados	17
Cap. 6 – Interpretação dos Dados	19
6.1. Dados do 1º ano	19
6.2. Dados do 2º ano	21
6.3. Dados do 3º ano	23
6.4. Considerações Finais	25
Cap. 7 – Conclusão	33
Referências Bibliográficas	35
Anexos	
▪ Reportagem da Revista Escola	

RESUMO

A homossexualidade apesar de ser um tema atual e polêmico a sociedade ainda faz questão de silenciar. Embora previsto nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil – 2000), a escola não vem cumprindo o seu papel como instrumento de inclusão.

O objetivo desse trabalho é verificar o preconceito a alunos de orientação sexual homossexual, e como o tema é trabalhado dentro do âmbito escolar.

Falar sobre sexualidade e discutir sobre suas diversidades é dar orientação e assistência ao aluno, além de contribuir para a evolução de uma sociedade democrática e justa.

ABSTRACT

The homosexuality although to be a current and controversial subject the society still makes question to silence. Although foreseen in the transversal subjects of the PCNs, the school does not come fulfilling its paper as inclusion instrument.

The objective of this work is to verify the students's preconception of homosexual orientation, and as the subject is worked inside of the school.

To speak on sexuality and argue on its diversities is as to give an orientation and assistance to the students, beyond contributing for the evolution of a democratic society and joust.

INTRODUÇÃO

Compreender a sexualidade humana como uma construção social, nos indica que o sexo tem diferentes conotações diante das culturas, e épocas distintas.

Até o século passado, o sexo continuava sendo um grande tabu na sociedade humana. Falar sobre sua prática era imoral e pecaminoso. A partir dos anos 60, iniciou uma revolução nos costumes culturais da nossa sociedade, entre eles a liberação sexual. Essa liberação depois de tantos anos de repressão fez com que muitas práticas antes, quase desconhecidas, como por exemplo, a homossexualidade, passasse a ser discutida publicamente, em decorrência, entre outros fatores, dos meios de comunicação, principalmente após o advento da AIDS.

As expressões da sexualidade aparecem em várias faixas etárias. Ignorá-las são respostas habituais dadas aos alunos por professores, coordenadores e diretores da escola, baseados em grande parte, de que é assunto para ser lidado pela família, que por sua vez, muitas vezes, por ter uma formação conservadora, omitem informações a seus filhos, ou passam informações errôneas.

O objetivo desse trabalho, que surgiu a partir da leitura de uma reportagem da Revista Escola (anexo), que relata o preconceito contra indivíduos com orientação sexual homossexual dentro do âmbito escolar, é fazer uma reflexão sobre o comportamento sexual dos alunos, verificando se há formas de discriminação a alunos homossexuais e se está sendo trabalhado a Orientação Sexual, proposta pelos novos Parâmetros Curriculares Nacionais, como um dos temas transversais.

Os sujeitos escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa, foram os alunos do Colégio Estadual Dr. Albert Sabin, escola localizada na Zona Oeste do estado do Rio de Janeiro. Através de questionários, respondidos pelo público em questão, pudemos fazer uma análise sobre como os alunos se comportam diante do preconceito, da convivência com

homossexuais e da necessidade de se discutir sobre assuntos que fazem parte do cotidiano dos adolescentes, tais como a sexualidade e o respeito às diferenças. Trabalhar esses conhecimentos poderão oferecer subsídios que permitam construir a compreensão da relação entre os componentes sociais e culturais, na definição da qualidade de vida, além de possíveis formas de ação voltada para a melhoria da nossa sociedade.

Eros e Psique

*Conta a lenda que dormia
Uma princesa encantada
A quem só despertaria
Um infante, que viria
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,*

*Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.*

*A princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela ignorado.
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino,
Ela dormindo encantada
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.*

*E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra Hera,
E vê que ele mesmo era
A princesa que dormia.*

(Fernando Pessoa)

Capítulo 1

HOMOSSEXUALIDADE

1.1 Conceito:

O termo “homossexualidade”, segundo Daniel e Baudry (1977) relatam que, é formado de uma raiz grega (*homos* = semelhante) e de uma raiz latina (*sexus* = sexualidade), significa etimologicamente “sexualidade semelhante”, ou seja, “sexualidade partilhada com uma pessoa do mesmo sexo”.

Costa (1994) relata que, insistia para que os profissionais de saúde utilizassem o termo homossexualidade, em vez de homossexualismo. Isso porque o sufixo “*idade*” significa modo de ser ou de se comportar, e o sufixo “*ismo*”, do ponto de vista médico significa doença, baseado no fato da Organização Mundial de Saúde (OMS) ter deixado de considerar a homossexualidade uma doença. Para o autor, o termo homossexualismo é estereotipado e traz uma série de preconceitos. Ele acredita que o termo certo seria *homoerotismo*.

Diante de tais controvérsias, os termos mais utilizados são: homossexual e homossexualidade, e estes serão utilizados nesse trabalho, para qualquer época da história, seja na Antigüidade ou na atualidade para se referir de modo prático às pessoas que se relacionam sexual e afetivamente com pessoas do mesmo sexo.

1.2 Histórico:

Durante muitos séculos, a atitude da sociedade com relação à sexualidade humana foi muito negativa. A relação sexual sempre esteve direcionada, unicamente, para fins de procriação, não para o prazer ou o sentimento que une dois seres.

As grandes civilizações da Antigüidade deixaram relatos da existência de relações homossexuais. Principalmente na Grécia as relações entre pessoas do mesmo sexo foram vistas com naturalidade, em determinados períodos da história grega não sendo estigmatizadas, nem hostilizadas, como nas sociedades ocidentais medievais e modernas.

“Em semelhante sociedade, tão pequena e competitiva, onde todo homem importante era conhecido ao menos de vista por todos os outros, bastaria que um dos dois cidadãos de renome fosse sempre visto em companhia de um jovem e atraente discípulo, para que o costume se tornasse generalizado. Quanto mais belo o discípulo, mais nobre a sua mente e maior o implicado cumprimento para o homem que ele escolhera como professor” (Tannahil, 1980. p.93)

Em Esparta e Tebas, a homossexualidade era reforçada nos exército, considerando que os soldados enamorados entre si lutariam de forma mais intensa para proteger e ajudar seus companheiros. Conforme disse Platão:

“Um punhado de amantes e amados, lutando ombro a ombro, pode conter todo um exército. Isso porque seria intolerável para o amante seu amado vê-lo desertando das fileiras ou atirando longe suas armas. (...) o pior dos covardes seria inspirado pelo deus do amor, a

fim de provar-se igual a qualquer homem naturalmente bravo”.
(Tannahil, 1980. p.96)

A tradição grega acerca da homossexualidade seria encarnada no séc.X d.C., por monges budistas do Japão, que também eram muito favoráveis ao relacionamento mestre-discípulo, ficando um monge mais velho atuando como professor e guardião, enquanto o mais jovem respondia com amor e dedicação. (Tannahil, 1980. p.92)

Durante o período conhecido como era Cristã e o final da Idade Média, tem-se informações sobre homossexualidade através de textos literários e textos eclesiásticos. O comportamento homossexual era muito considerado já no Antigo Testamento, a tal ponto que mesmo o fato de se vestir como o sexo oposto era considerado como um pecado grave, as sociedades assumem uma postura repressiva em relação às práticas homossexuais. Alguns motivos relatados para essa postura são: a passividade do homem homossexual, a história de Sodoma e Gomorra e as indagações a respeito do ato sexual que seriam permitidos apenas para a procriação.

“Não te deitarás com homem, como se fosse mulher: isto é abominação”. Lev, 18 (22).

“A mulher não se vestirá de homem, nem o homem de mulher: aquele que o fizer, será abominável diante do teu Senhor, teu Deus”. Dt, 22 (5).

O séc. XX também permaneceu desfavorável para os homossexuais. O regime nazista na Alemanha, o fascismo na Itália, o stalinismo na união Soviética, o imperialismo americano e a definição dada pelos psiquiatras de homossexualismo (considerada como doença, até 1974) contribuíram para a visão negativa que cerca essa prática.

Os tempos mudaram, mas a sexualidade continua a ser alvo de atitudes repressivas. Atualmente, graças aos movimentos estudantis e sociais em favor da paz, liberdade e amor,

iniciados nos anos 60, favoreceram a luta por diversos direitos humanos em geral, chegando a bordar direitos relacionados à sexualidade humana e, portanto, direitos homossexuais, também. Na década de 80, diante da AIDS, a questão da identidade sexual ganhou contornos específicos de discriminação e preconceito, já que inicialmente foi erroneamente vinculada ao comportamento homossexual como modo predominante de transmissão da doença, como relata *Nunan (2003:52)*, a AIDS se caracterizava como uma “doença homossexual”, “peste gay” ou ainda, o “câncer gay”, a autora cita “A epidemia veio condenar os homossexuais, com sua” sexualidade desviante “. A natureza, em última instância, estaria se vingando de sujeitos com comportamentos antinaturais”. Isso reforçou os estereótipos negativos ligados aos homossexuais.

Hoje, apesar de ainda sofrerem pela discriminação, existe organizações formadas para a defesa homossexual e as revoluções se mostraram extremamente favoráveis ao movimento deste grupo.

A sociedade veio sendo reformulada ao longo dos tempos através dos estudos da ciência e dos meios de comunicação existentes. Os questionamentos usados foram devidamente tratados e pesquisados. Conseqüentemente, houve uma revolução da moral sexual vigente. A questão da moral nas diferentes culturas humanas está intimamente ligada à repressão sexual, ou seja, ao sistema de crenças estipulados em cada época.(Nunes,1996)

Capítulo 2

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

Ao se falar de sexualidade, pressupõe-se falar de intimidade, uma vez que está ligada às relações afetivas. A sexualidade é um atributo de qualquer ser humano. Mas para ser entendida, não se pode separá-la do indivíduo como um todo. Ela é parte integrante de uma pessoa com ela mesma e com os outros. Trata-se, também, de uma forma própria de cada indivíduo de se expressar de acordo com o seu papel sexual.

Foucault, em sua obra clássica sobre **História da Sexualidade**, em uma perspectiva filosófica, diz que:

“A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se um aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder”. (Foucault, 1997, p.100).

Atualmente tem-se falado muito no assunto. Realizaram-se diversos estudos, pesquisas, teorias, e o tema conquistou um espaço grandioso nas revistas, jornais e na televisão. No entanto, toda essa publicidade ocasiona, muitas vezes, uma idealização da vida sexual, dando a errônea impressão de que existe uma fórmula única de viver a sexualidade, dentro de um padrão estruturado, na qual todos devem se adaptar.

A nossa cultura tem uma tendência de reduzir a sexualidade a sua função reprodutiva e genital, sem levar em conta o sentimento e a emoção, necessária para a sua realização pessoal.

“A sexualidade é uma qualidade essencialmente humana, não podendo ser reduzida ao nível da sexualidade do mundo animal [...] Isto nos impulsiona a investigar as formas pelas quais a sexualidade se constitui em modelo hegemônico ou tomou contornos específicos em diferentes épocas da história”. (Nunes, 1996. p.7)

A sexualidade fundamenta-se nos aspectos sociais, psicológicos, biológicos e culturais, e o intercâmbio entre esses fatores gera conflitos. Para entender esses conflitos, é importante salientar, que temos uma necessidade sexual básica, cuja expressão, nem sempre coincide com as normas sociais vigentes em nossa sociedade. E ainda, há o fato de que, como seres sociais que somos, temos de nos adaptar às regras de convivência.

Embora falar de cumprimento de regras sociais na adolescência possa parecer um pouco contraditório, o grupo possui normas próprias que precisam ser seguidas para a aceitação dos membros.

Esse é o ponto de maior preocupação e de discussão desse trabalho. Segundo o Boletim Epidemiológico de dezembro de 2000 a março de 2001 - Ministério da Saúde, os jovens com orientação sexual homossexual estão entre as maiores vítimas de preconceito e exclusão da social. Tratados como minoria invisível, esses adolescentes vivem de modo a não serem reparados, nem julgados pela sociedade, justamente na idade em que mais precisam de assistência e orientação. Dados revelam na Revista Educação (anexo), segundo pesquisa realizada pelo IPA-Instituto Paulista de Adolescência – agosto / 2000, que 7% dos suicídios cometidos por adolescentes e jovens estão relacionados a conflitos com a identidade sexual.

Os estigmas que cercam a homossexualidade tornam a auto descoberta um processo difícil para alguns jovens.

Além de cumprir com as próprias tarefas da adolescência, os indivíduos ainda têm que conviver com a rejeição social. Muitos não conseguem “vencer” esses obstáculos, mantendo em segredo a sua condição. Essa clandestinidade a respeito de sua orientação sexual os expõem à depressão, abuso de drogas, violência física, sexual e psicológica, isolamento social, problemas no lar, na escola e emprego e maior vulnerabilidade em contrair DSTs e AIDS.

Eis um problema que ultrapassa os limites da individualidade, invadindo o campo social. Já que se deseja uma sociedade justa e democrática, se faz necessário trabalhar a pluralidade, a diversidade, na tentativa de inculcar um comportamento que possa favorecer a dissolução do preconceito.

Capítulo 3

ESCOLA X INCLUSÃO:

A escola tem um papel importante na transformação da sociedade, sendo um instrumento de inclusão é de suma importância que assuma o seu papel. Com intenção de olhar a sexualidade e a educação, é necessário refletir pedagogicamente sobre a possibilidade de incorporar o tema ao cotidiano escolar.

A vivência da sexualidade na adolescência pode ocorrer de diferentes formas, de acordo com o contexto social. Através da aquisição de conhecimentos pode haver desde o esclarecimento das dúvidas até a transformação de concepções. Nesse sentido a escola pode atuar e ampliar o diálogo e a reflexão, a fim de elucidar questões e auxiliar o jovem na superação de suas dificuldades. Segundo Valladares (2001: 83),

“... a escola possui uma condição diferente da familiar, contudo cabe a escola discutir questões ligadas à sociedade abordando diferentes pontos de vista, valores e crenças podemos dizer que são diferenciados os tratamentos dados à sexualidade, no espaço familiar e no espaço escolar”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil - 2000), indicam entre outros objetivos, que os alunos sejam capazes de:

- *“Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no seu dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo de si o mesmo respeito;”*

- *“Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais”.*

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e a saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito vivenciado em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes.

Os PCNs justificam a importância de se incluir a Orientação Sexual como tema transversal nos currículos, isto é, discorre sobre o papel e a postura do educador e da escola, descrevendo, para tanto, as referências necessárias a melhor atuação educacional ao se tratar do assunto, trabalho que se diferencia do tratamento da questão no ambiente familiar.

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na ideia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. De fato, toda a família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre o assunto. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem são carregados de determinados valores associados à sexualidade que a criança aprende.

O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação

das crianças. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais construirá sua sexualidade na infância.

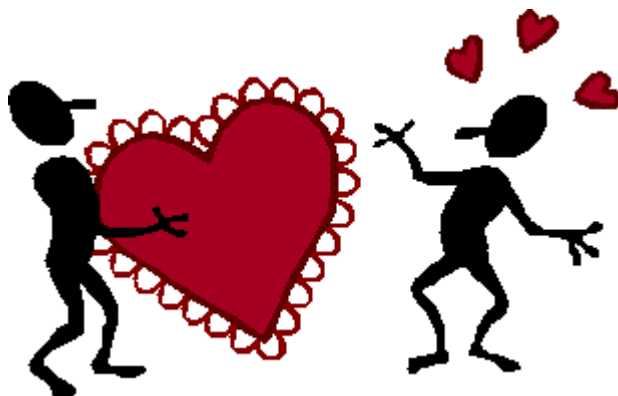
Cabe a escola analisar as questões trazidas pelos alunos, desenvolver junto a eles uma ação crítica, reflexiva e educativa. A escola querendo ou não, depara com situações nas quais, nem sempre conseguem intervir. A discussão dessa temática em seus conteúdos formais incluem Aparelho Reprodutivo no currículo de Ciências. Geralmente o fazem por meios de discussão sobre reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades dos alunos, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas neste mesmo corpo.

“Está na hora de a escola mudar sua visão a respeito da sexualidade, encarando o tema com a importância e a seriedade que merece. Isso significa dizer que não se pode mais limitar o conteúdo da sexualidade às aulas de anatomia do corpo humano feminino e masculino”.(Valladares, 2005:86).

Não há como a escola não perceber as mudanças no que rege a sexualidade, já que há uma grande incidência de estudantes de ambos os sexos assumindo sua homossexualidade e a visível incapacidade da escola em lidar com essa questão.

É importante lembrar que ao trabalhar o tema homossexualidade, se “mexe” com todos os dogmas da família do aluno e do próprio educador. O professor deve aprender a discutir essas questões ligadas à sexualidade, principalmente os que vêm arraigados das heranças culturais, determinadas pela nossa sociedade repressora.

O respeito à diferença e o direito à singularidade são condições básicas na construção de um espaço em que todos são diferentes e igualmente importantes, por isso, não devem ser excluídos, e que possam ainda, contar com orientação e apoio.



“Um dia, vivi a ilusão de que ser homem bastaria.

Que o mundo masculino tudo me daria

Do que quisesse ter...

Que nada, minha porção mulher

Que até então se resguardara

É a porção melhor

Que trago em mim agora

É que me faz viver...”

(Gilberto Gil)

Capítulo 4

METODOLOGIA

4.1. Participantes:

O público-alvo desta pesquisa se deu com 118 alunos do Colégio Estadual Dr. Albert Sabin, localizado em Campo Grande, no município do Rio de Janeiro, distribuídos em três turmas do ensino médio, definidas através de um sorteio, cada série em um turno (1º ano – tarde, 2º ano - noite e 3ºano - manhã), com idades que variam entre 14 e 28 anos. Os sujeitos foram escolhidos pelo fato de que nesta faixa etária os comportamentos quanto a orientação sexual, já estarem definidos, assim como a expressão quanto aos preconceitos.

4.2 Instrumento:

Optou-se pela utilização de questionário escrito que, além de conter dados como idade, sexo e turma, contém perguntas que pudessem identificar o preconceito contra homossexuais.

Por ser anônimo, o aluno se sentiria mais à vontade para expressar sua verdadeira opinião acerca do tema pesquisado, sem que houvesse qualquer tipo de constrangimento ao responder as perguntas do questionário, como podemos observar no modelo a seguir:

Modelo do questionário aplicado

Aluno(a), você está participando sobre um levantamento de dados para uma monografia de Especialização, responda com sinceridade todas as perguntas abaixo. Não é necessário a sua identificação

QUESTIONÁRIO

- Sexo: () Masculino () Feminino
- Idade: _____
- Série: () 1º ano / E.M. () 2º ano / E.M. () 3º ano / E.M.

1. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

- () Não () Sim. Qual (ais)? () sexual
() social
() racial
() outros

2. Você se considera preconceituoso?

- () Não () Sim

3. Você conhece alguma pessoa homossexual na escola?

- () Não () Sim

4. Você acha que a homossexualidade é uma doença?

- () Não () Sim

5. Você gostaria de ter um(a) colega homossexual em sala de aula?

- () Não () Sim

6. Você convidaria um(a) colega de escola, homossexual, para fazer um trabalho de grupo, em sua casa?

- () Não () Sim

7. Você já participou/ presenciou algum tipo de “brincadeira” de conotação negativa, em relação à homossexualidade em sua escola?

- () Não () Sim

8. Você acha importante discutir temas, como a homossexualidade, na escola?

- () Não () Sim

9. A sua escola realiza algum tipo de trabalho sobre sexualidade / homossexualidade?

- () Não () Sim

Obrigado pela sua participação!

Capítulo 5

LEVANTAMENTOS DOS DADOS

1ºANO (44 alunos)	HOMEM (21 alunos)		MULHER (23alunas)	
Perguntas	NÃO	SIM	NÃO	SIM
1	15	6*	20	3*
2	18	3	21	2
3	12	9	3	20
4	20	1	22	1
5	13	7	12	9
6	13	8	2	21
7	14	7	12	11
8	3	18	1	22
9	21	0	23	0

*Homem: 1 – sexual; 4 – social; 1 – racial.

*Mulher: 2 – social, 1 - outros

2ºANO (32 alunos)	HOMEM (15 alunos)		MULHER (17alunas)	
Perguntas	NÃO	SIM	NÃO	SIM
1	7	8*	11	6*
2	10	5	14	3
3	6	9	1	16
4	11	4	17	0
5	7	8	4	13
6	5	10	2	15
7	4	11	7	9
8	2	13	4	13
9	15	0	17	0

*Homem: 3 – social; 5 – outros

*Mulher: 1 – social, 3 – outros; 2 - racial.

3ºANO (42 alunos)	HOMEM (12 alunos)		MULHER (30 alunas)	
Perguntas	NÃO	SIM	NÃO	SIM
1	9	3*	20	10*
2	11	2	28	2
3	1	10	2	28
4	11	1	27	3
5	9	2	9	17
6	3	9	5	25
7	1	11	3	27
8	6	6	2	28
9	12	0	30	0

*Homem: 1 – social; 2 – sexual

*Mulher: 7 – social, 3 – outros

Capítulo 6

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

6.1. Dados do 1º ano:

Foram entrevistados 44 alunos, do 1º ano do ensino médio, do turno da tarde. Dentre os sujeitos entrevistados, 21 eram do sexo masculino e 23 eram do sexo feminino. As idades variam entre 14 a 16 anos

1. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

Dentre os tipos de preconceitos sofridos, o social é o mais citado. Somente entre os homens houve discriminação sexual.

2. Você se considera preconceituoso?

18 homens e 21 mulheres não se consideram preconceituoso

3. Você conhece alguma pessoa homossexual na escola?

9 homens e 20 mulheres conhecem algum homossexual.

4. Você acha que a homossexualidade é uma doença?

Apenas um aluno de cada sexo acredita que a homossexualidade é uma doença.

5. Você gostaria de ter um(a) colega homossexual em sala de aula?

12 homens e 13 mulheres, afirmam que não gostaria de ter um homossexual na sala de aula.

6. Você convidaria um(a) colega de escola, homossexual, para fazer um trabalho de grupo, em sua casa?

13 alunos dos 21 entrevistados, não fariam trabalho de grupo com homossexual em sua casa.

7. Você já participou/ presenciou algum tipo de “ brincadeira” de conotação negativa, em relação à homossexualidade em sua escola?

14 homens e 12 mulheres nunca presenciaram ou participaram de brincadeiras contra homossexuais.

8. Você acha importante discutir temas, como a homossexualidade, na escola?

18 homens e 22 mulheres acham importantes debates sobre o tema.

9. A sua escola realiza algum tipo de trabalho sobre sexualidade/ homossexualidade?

100% dos entrevistados relatam não haver nenhum tipo de trabalho sobre sexualidade/ homossexualidade.

6.2. Dados do 2º ano:

Foram entrevistados 32 alunos, do 2º ano do ensino médio, do turno da noite. Dentre os sujeitos entrevistados, 15 eram do sexo masculino e 17 eram do sexo feminino. As idades variam entre 16 a 28 anos

1. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

Dentre os tipos de preconceitos sofridos, o social e a racial foram os mais citados. Não houve discriminação sexual.

2. Você se considera preconceituoso?

10 homens e 14 mulheres não se considera preconceituoso.

3. Você conhece alguma pessoa homossexual na escola?

9 homens e 16 mulheres conhecem algum homossexual

4. Você acha que a homossexualidade é uma doença?

4 alunos dos 17 homens entrevistados acreditam que a homossexualidade é uma doença

5. Você gostaria de ter um(a) colega homossexual em sala de aula?

8 homens e 13 mulheres, afirmam que não gostaria de ter um homossexual na sala de aula.

6. Você convidaria um (a) colega de escola, homossexual, para fazer um trabalho de grupo, em sua casa?

5 alunos dos 15 homens entrevistados, não fariam trabalho de grupo com homossexual em sua casa, enquanto que, apenas 2, das mulheres, teriam o mesmo comportamento

7. Você já participou/ presenciou algum tipo de “brincadeira” de conotação negativa, em relação à homossexualidade em sua escola?

4 homens e 7 mulheres nunca presenciaram ou participaram de brincadeiras contra homossexuais

8. Você acha importante discutir temas, como a homossexualidade, na escola?

13 homens e 13 mulheres acham importantes debates sobre o tema.

9. A sua escola realiza algum tipo de trabalho sobre sexualidade/ homossexualidade?

100% dos entrevistados relatam não haver nenhum tipo de trabalho sobre sexualidade/ homossexualidade.

6.3. Dados do 3º ano:

Foram entrevistados 42 alunos, do 3º ano do ensino médio, do turno da manhã. Dentre os sujeitos entrevistados, 12 eram do sexo masculino e 30 eram do sexo feminino. As idades variam entre 16 a 18 anos

1. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

Dentre os tipos de preconceitos sofridos, o social é o mais citado. Somente nos homens (2) houve discriminação sexual.

2. Você se considera preconceituoso?

11 homens e 28 mulheres não se consideram preconceituoso

3. Você conhece alguma pessoa homossexual na escola?

10 homens e 28 mulheres conhecem algum homossexual.

4. Você acha que a homossexualidade é uma doença?

3 mulheres e 1 homem acreditam que a homossexualidade é uma doença.

5. Você gostaria de ter um(a) colega homossexual em sala de aula?

9 homens e 9 mulheres, afirmam que não gostaria de ter um homossexual na sala de aula.

6. Você convidaria um(a) colega de escola, homossexual, para fazer um trabalho de grupo, em sua casa?

3 alunos dos 12 homens entrevistados, não fariam trabalho de grupo com homossexual em sua casa, enquanto que, apenas 5, das mulheres, teriam o mesmo comportamento

7. Você já participou/ presenciou algum tipo de “ brincadeira” de conotação negativa, em relação à homossexualidade em sua escola?

8 homens e 3 mulheres nunca presenciaram ou participaram de brincadeiras contra homossexuais.

8. Você acha importante discutir temas, como a homossexualidade, na escola?

6 homens e 33 mulheres acham importantes debates sobre o tema.

9. A sua escola realiza algum tipo de trabalho sobre sexualidade/ homossexualidade?

100% dos entrevistados relatam não haver nenhum tipo de trabalho sobre sexualidade/ homossexualidade

Como a diferença entre os resultados das três turmas não foi significativa, as considerações dos resultados finais serão feitas na totalidade dos entrevistados.

6.4. Considerações Finais:

118 alunos : 48 homens e 70 mulheres

idades: 14 a 28 anos

1. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

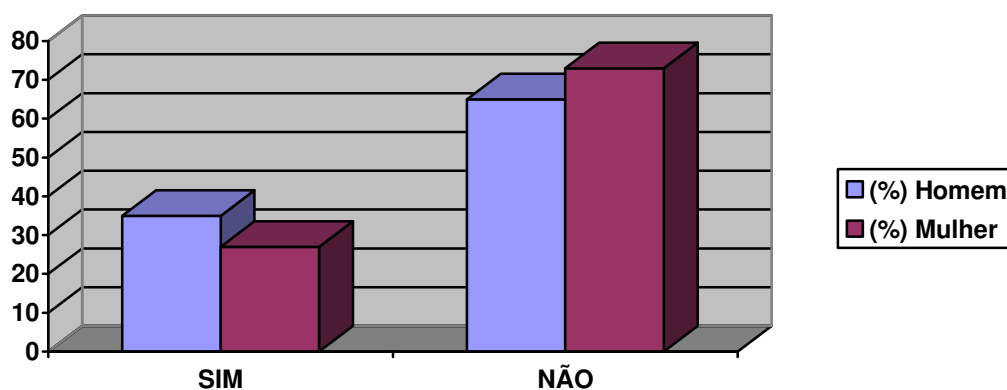


Gráfico 1 – Preconceitos sofridos entre alunos entrevistados

O preconceito é mais freqüente dentro do universo masculino, 17 homens entrevistados já sofreram algum tipo de preconceito o que representa 35% deles, enquanto que, no universo feminino, 27% (9 mulheres) confirmaram já ter sofrido com o preconceito. A discriminação sexual só foi relatada na pesquisa feita com alunos do sexo masculino, como podemos observar no gráfico abaixo.

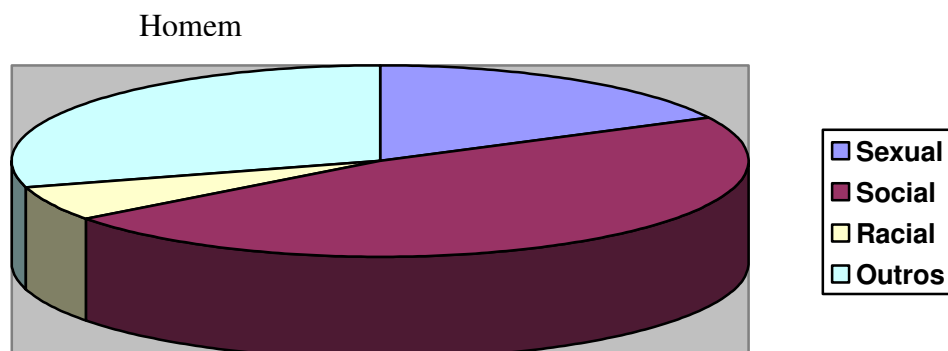


Gráfico 2 – Tipos de preconceitos sofridos entre homens

2. Você se considera preconceituoso?

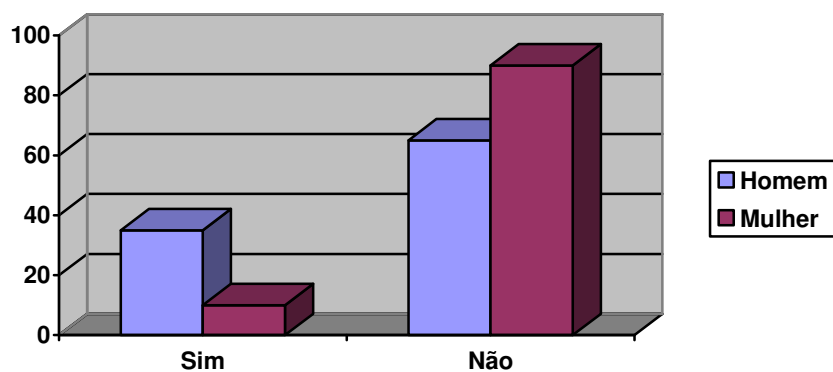


Gráfico 3 – Preconceitos entre os entrevistados

Cerca de 65% dos homens e 90% das mulheres entrevistadas não se consideram preconceituosos. Nota-se que nos resultados nº 5 e nº 6, isso se contradiz, pois os resultados revelam que os alunos mantêm um comportamento preconceituoso, quando se trata de convívio com sujeitos homossexuais.

3. Você conhece alguma pessoa homossexual na escola?

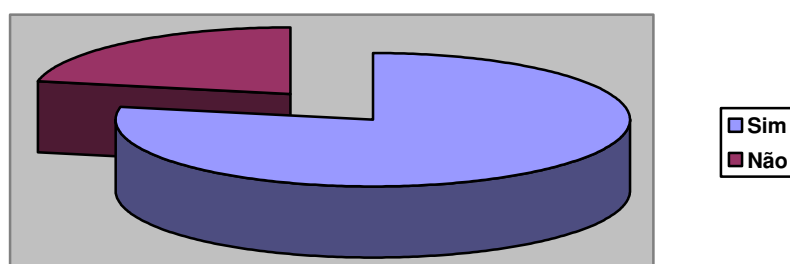


Gráfico 4 – Conhecimento de algum homossexual

78% alunos dos 118 entrevistados conhecem algum homossexual (28 ♂ e 64 ♀).

4. Você acha que a homossexualidade é uma doença?

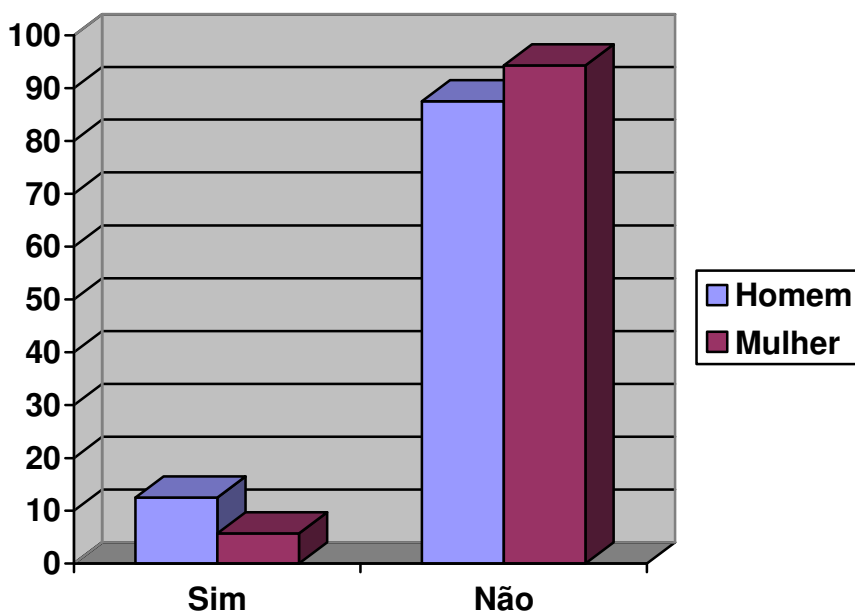


Gráfico 5 – Posição dos entrevistados sobre se a homossexualidade é uma doença

Aproximadamente 8,5% dos alunos entrevistados (6 ♂ e 4 ♀), acreditam que a homossexualidade é uma doença. Mesmo com toda a veiculação sobre o assunto, ainda existem pessoas que acreditam na possibilidade da homossexualidade ser uma doença, talvez devido a dogmas religiosos.

5. Você gostaria de ter um(a) colega homossexual em sala de aula?

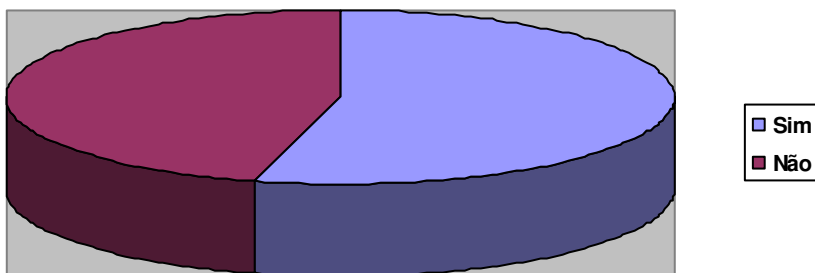


Gráfico 6 – Posição dos entrevistados sobre a convivência com homossexual em sala de aula

Apesar de haver constatação de preconceito em apenas 13,5% dos entrevistados, como mostra o gráfico referente à pergunta nº 2, verifica-se nesta pergunta, um resultado em que 45% demonstram discriminar o homossexual, já que não gostariam de conviver em sala de aula com um colega homossexual. Observa-se no gráfico abaixo, que dentre os sujeitos do sexo masculino o preconceito é maior, 60% deles demonstram tal comportamento e entre as mulheres, 35,7%. Isso sugere uma maior cobrança da sociedade em relação aos papéis de gênero que tem que ser cumprido pelos homens. O fato de manter relações de amizade com um homossexual pode comprometer sua condição de heterossexual.

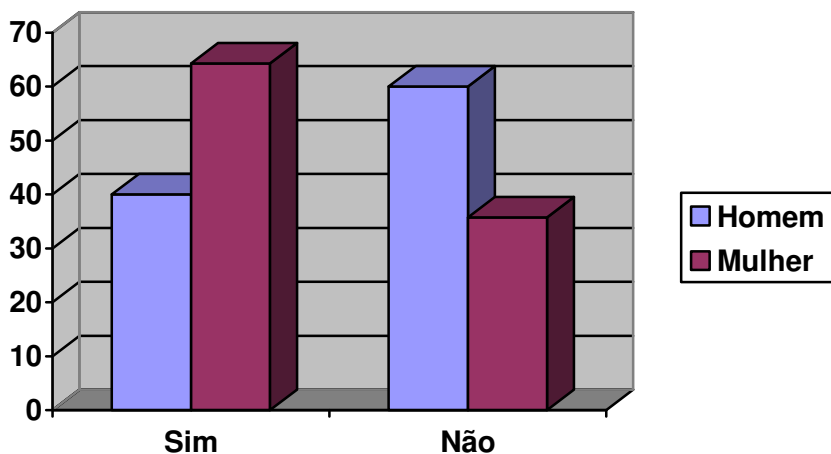


Gráfico 7 – Relação entre homens e mulheres sobre o não convívio com homossexuais

6. Você convidaria um(a) colega de escola, homossexual, para fazer um trabalho de grupo, em sua casa?

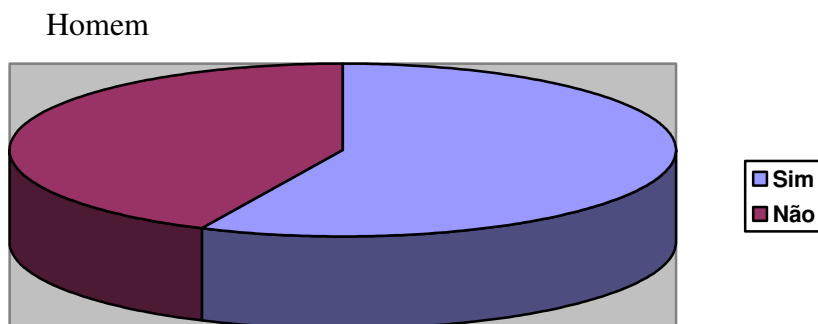


Gráfico 8 – Posição de homens entrevistados sobre a convivência com colega homossexual em sua residência

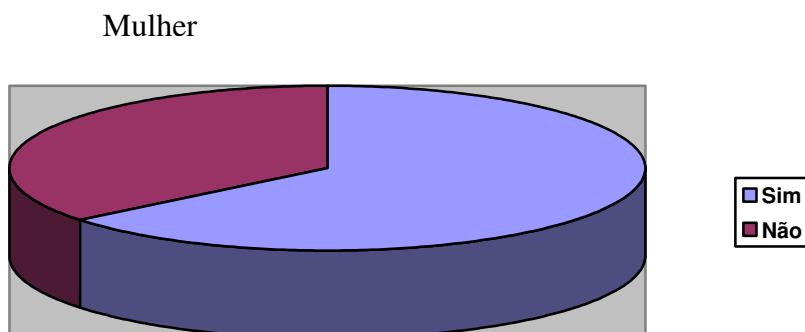


Gráfico 9 – Posição de mulheres entrevistadas sobre a convivência com colega homossexual em sua residência

Nota-se mais uma vez a contraditória posição “não preconceituosa” dos alunos, onde 21 alunos dos 48 alunos entrevistados, o que representa 43% do universo masculino, não fariam trabalho de grupo com homossexual em sua casa, enquanto que, apenas 12%, das mulheres, teriam o mesmo comportamento.

7. Você já participou/ presenciou algum tipo de “brincadeira” de conotação negativa, em relação à homossexualidade em sua escola?

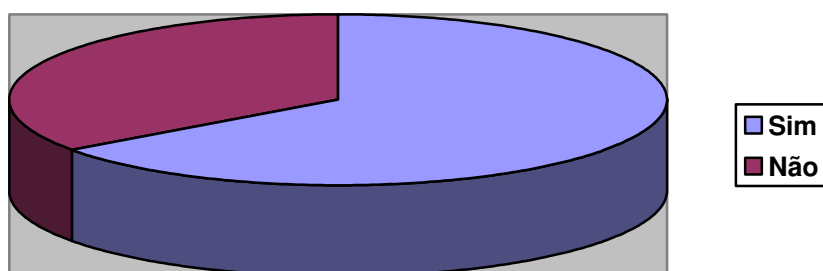


Gráfico 10 – Participação de entrevistados em “brincadeiras de conotação negativa” contra colegas homossexuais

Aproximadamente 65% alunos dos 118 entrevistados, já presenciaram ou participaram de brincadeiras contra homossexuais.

8. Você acha importante discutir temas, como a homossexualidade, na escola?

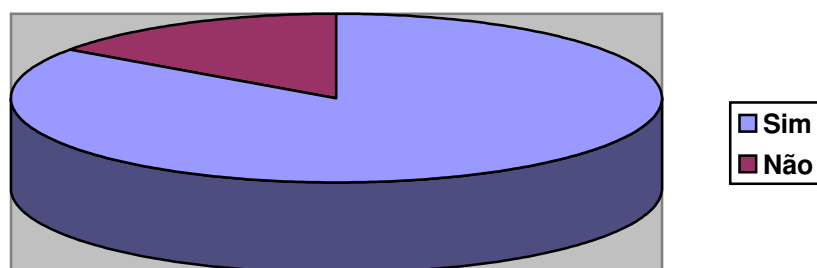


Gráfico 11 – Importância sobre discussão de temas sobre homossexualidade

84,7% dos entrevistados acham importantes debates sobre o tema

9. A sua escola realiza algum tipo de trabalho sobre sexualidade/ homossexualidade?

Não seria oportuna a discussão do tema no âmbito escolar, já que os alunos se manifestam a favor? 100% dos entrevistados relatam não haver nenhum tipo de trabalho sobre sexualidade/ homossexualidade. As “brincadeiras” de conotação negativas, o que leva a muitos problemas no amadurecimento da vida sexual dos alunos que possuem orientação homossexual, são feitas, e ainda, a rejeição em sala de aula é constatada através da pesquisa. Apesar da maioria dos alunos achar importante a discussão sobre o tema, a escola não vem cumprindo o seu papel como instrumento de inclusão.

Legenda:

♂: homem

♀: mulher



*“ Dizem que sou louco
por pensar assim
mas sou muito louco
por eu ser feliz
Mas louco é quem me diz
Que não é feliz.
Eu sou feliz”
(Arnaldo Baptista e Rita Lee)*

Capítulo 7

CONCLUSÃO

É na adolescência em que as manifestações sexuais se intensificam e a identidade sexual se reafirma. A questão da sexualidade apesar de bastante veiculada, a falta de conhecimento, deixa espaços para que crenças e conceitos errados sejam, ainda impostos pela sociedade.

Há muitas coisas que comumente geram preconceitos, dentre elas, a atitude sexual “dos outros”. O preconceito é um comportamento aprendido em casa, na escola, com os amigos... Ao aprender “certas verdades”, percebemos que estávamos errados em relação a alguns assuntos.

Será correto quereremos julgar as preferências sexuais dos outros? Que malefícios a preferência sexual do indivíduo pode causar ao meio social?

Falar sobre sexualidade é questionar, e por que não, liberar uma série de preconceitos e manifestações relacionados às emoções, afeto, prazer necessidades fisiológicas básicas, de modo a vivenciá-las harmoniosamente, com responsabilidade e respeito.

Está na hora da educação enxergar as necessidades de nosso alunado, como obtivemos nos resultados dessa pesquisa, e desempenhar o papel a que é destinada. Educar é construir uma identidade social, cultural, e não somente um processo de instrução. A escola é um instrumento legal para incutir novas idéias, para transpor barreiras da nossa sociedade. É através da educação que conseguiremos dar suporte, para que sementes de igualdade sejam plantadas, que dogmas sejam desmistificados, que poderemos, não só pensar na “não discriminação“, mas agir para que ela não exista.

A partir do momento que a sexualidade, e principalmente a diversidade a que está envolvida, for aceita de forma natural do ser humano, a repressão provavelmente será modelada e, quem sabe, reverterá em benefício da cultura sexual, que apesar de apresentar padrões variados, tem por objetivo promover a satisfação, e porque não, a adaptação do indivíduo ao processo do bem-viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual – Essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A. 12ª ed., 1991.

COSTA, R. P. **O amor homossexual: resolução dos preconceitos**. São Paulo: Gente, 1994.

DANIEL, M; BAUDRY, A. **O fato homossexual e suas interpretações**. In: **Os homossexuais**. Rio de Janeiro: Artenova, 1997. Cap. 1.

DUARTE, Ruth de Gouvêa. **Sexo, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis**. São Paulo: Moderna. 1995. Cap.10.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

KAMINSKI, Kristhian; CHARÃO, Cristina. O Preconceito “é uma doença”. **Revista Educação**. Ano 07. no.84 –. 42-52p. Editora Segmento: abril/2004.

LAROSA, Marco Antônio, AYRES, Fernando Arduini. **Como produzir sua monografia passo a passo...Siga o mapa da mina**. Rio de Janeiro: WAK, 2002.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

NUNES, César A. **Filosofia, sexualidade e educação**. Tese.(Doutorado em Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação- Universidade Estadual de Campinas. 1996. Campinas-São Paulo.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: pluralidade cultural: orientação sexual. Vol. 10. Secretaria de Educação Fundamental, 2ª edição.Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TANNAHIL, R. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1980.

VALLADARES, Kátia. **Orientação Sexual na escola**. Rio de Janeiro: Editora. Quartet, 2ª ed., 2001.

VALLADARES, Kátia. **Sexualidade: o professor que cala nem sempre consente**. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 2ª ed., 2005.

WÜSTHOF, ROBERTO. **Descobrir o Sexo**. Série Jovem Hoje. Ed. Ática. 11ªedição,1999. Cap. 10.

ANEXO:

- **REPORTAGEM DA REVISTA**

BIBLIOGRAFIA:

REVISTA EDUCAÇÃO – ano07/ nº 84/ abril de 2004. editora Segmento.

“ O Preconceito “ é uma doença”

Kristhian Kaminski e Cristina Charão

ALUNOS E PROFESSORES HOMOSSEXUAIS FALAM DE SUAS ESCOLHAS,
COMENTAM DISCRIMINAÇÃO ENTRE COLEGAS DE CLASSE E APONTAM COMO
ESCOLAS PODEM RESPEITAR DIFERENÇAS.

“Mas tu és tão bonitinha”.A frase, dita em tom de lamentação por uma professora, deixou a estudante Mariane da Silva Carvalho, de 16 anos, desconcertada. Ela, que cursa o 2º ano do ensino médio no C.E. Júlio de Castilhos, em Porto alegre (RS), acabara de contar à mãe que é homossexual, e a reação não foi nada boa. A professora tomou então a iniciativa de conversar com Mariane, que decidiu desabafar. O comentário da docente, porém, deixou a jovem ainda mais decepcionada: “Como se eu não pudesse ser bonitinha e gostar de menina”, comenta.

Se for consenso que a educação é a melhor forma para combater o preconceito e a discriminação, o que acontece quando a própria escola não sabe como – ou não quer-lidar com a questão? A escola avançou nos últimos anos na discussão de temas como discriminação racial, gravidez na adolescência e respeito a portadores do vírus HIV. Mas,

quando se trata de homossexualidade no ambiente escolar, fica evidente que professores, orientadores e pais não estão preparados para lidar com o tema.

Conversando com os envolvidos na discussão, em particular os próprios homossexuais, observa-se que a vida real está ainda mais distante da realidade retratada pela recente novela “*Mulheres Apaixonadas*”, da Rede Globo, na qual duas adolescentes viviam uma história de amor perfeitamente aceita no colégio em que estudavam.

Cerca de um quarto dos estudantes ouvidos não gostaria de ter um colega de classe homossexual, constatou a mais recente e completa pesquisa sobre juventude e sexualidade, divulgada em março pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Entre os professores, a rejeição explícita à homossexualidade é bem menor, chegando a somente 2% em Porto Alegre. A rejeição dos pais, porém caminha no sentido inverso: em Fortaleza, 48% dos entrevistados afirmaram que não gostariam que seus filhos tivessem colegas homossexuais. O levantamento da UNESCO foi feito com mais de 20 mil estudantes, pais e professores.

Em classe - O estudante Hamilton Jorge Nessim Menezes Júnior, 16 anos, da E.E. Gustavo Barroso, São Paulo, conta que a reação de alguns colegas e da maioria dos professores à sua condição homossexual assumida foi positiva. A diretora da escola chegou a repreender publicamente alunos que estavam fazendo piadas sobre ele e outro colega homossexual. “Ela foi muito legal, disse que não admitia nenhum tipo de discriminação em função da orientação sexual dos alunos”, lembra ele.

A reação dos pais dos colegas, porém, não foi constrangedora. “Nunca tive muito contato com os outros pais, mas, pelo que me falaram a maioria reagiu mal quando soube. Em alguns casos, os colegas ajudaram a fazer os pais olharem pra mim de modo diferente”. Também não foi fácil para os próprios pais de Hamilton, evangélicos, aceitar a opção do filho. “Eles foram acostumando”, afirma o jovem.

Discriminação - Hoje com 19 anos, o ator Maicon Moreira, de Minas Gerais, sofreu com a reação dos professores. Ele lembra que chegou a ser impedido de conviver com o melhor amigo porque os professores temiam que os dois estivessem tendo algum envolvimento sexual: “Não deixavam a gente estudar junto. Sempre achavam que estávamos fazendo alguma coisa errada, mas éramos apenas amigos”.

As pressões para que ele mudasse seu comportamento não pararam por aí: Moreira conta que foi encaminhado ao psicólogo do colégio apenas porque teria pintado um quadro com flores e rosas numa aula de educação artística. “Sempre tentei ser o melhor aluno da classe, para me contrapor à imagem que tinham de mim. O homossexual é sempre apontado como o” ruim “na escola” lamenta. Não adiantou, e ele acabou abandonando o colégio.

O médico e professor de Biologia Alberto Elias Lopes Cançado, que está desenvolvendo uma dissertação de mestrado sobre homossexualidade, na Universidade Vale do Rio Verde (MG), diz que a falta de acolhimento, os preconceitos e a violência levaram muitos homossexuais a abandonar as escolas. Segundo ele, não é possível ter um levantamento sobre esse número, que ele acredita ser bem expressivo.

A evasão nem é a pior consequência da discriminação. Algumas pesquisas mostram que nem sempre o jovem consegue suportar a pressão, como fez o ator mineiro. Segundo o estudo *O jovem e a Morte*, realizado, em 2001, pelo Instituto Paulista de Adolescência (IPA), com estudantes de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, 7% dos suicídios cometidos por jovens e adolescentes estão relacionados a conflitos com a identidade sexual.

Se o preconceito ainda predomina, há pelo menos uma boa notícia: muita gente no Brasil está empenhada em quebrar o silêncio sobre a questão da homossexualidade na escola. ONGs de várias regiões têm conseguido, por meio de parcerias com o poder público e a iniciativa parte do princípio de que é preciso preparar o professor para lidar com o tema – não de forma impositiva, mas com um conteúdo transversal a ser abordado em qualquer disciplina, conforme previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Muitas pessoas

têm dificuldade em tratar a homossexualidade sem preconceitos. No caso do professor, essa dificuldade tem de ser ainda mais trabalhada. “[*O professor*] pode vir de um ambiente de mais ou menos informação, mas vem de uma mesma matriz social, ainda muito preconceituosa”, avalia a psicóloga Maria Alves de Toledo Brum, que ministra cursos e presta consultoria sobre sexualidade para escolas públicas e privadas.

A própria instituição de ensino recebe influências da comunidade na qual está inserida. “A questão religiosa tem um peso importante e acaba se refletindo na escola. Muitos professores têm dificuldade em abordar o tema sexualidade – imagine então a homossexualidade – porque estão inseridos numa comunidade muito dogmática”, afirma Toni Reis, coordenador do projeto *Aprendendo a Viver*, de Curitiba (PR).

A falta de preparo atinge os próprios professores homossexuais. “O fato de eu ser *gay* não facilita abordar a questão na escola. Tenho um monte de amigos homossexuais que não estão preparados para falar disso”, afirma Tiago Duque, que lecionou educação religiosa durante três anos em uma escola católica de Campinas (SP). Júlia Mendes, professora em Florianópolis (SC), conta que teve problemas com uma turma que monitorava no Sesc e que tratava o tempo todo um colega homossexual com termos pejorativos: “Não consegui lidar da maneira correta com a situação”,

Júlia ministra hoje aulas para crianças de 7 a 14 anos em uma escola dentro de uma favela em Florianópolis. Ela se declarou homossexual para a família e os colegas de trabalho, mas não fala disso abertamente com os alunos, ‘para não ter problemas com os pais’. É uma situação delicada. Alguns podem não gostar e procurar a escola, reclamando que estamos influenciando as crianças “.

Curiosamente, as boas iniciativas para inserir o tema homossexualidade nos currículos escolares têm sido apoiadas mais por órgãos como o Ministério da Saúde – e até mesmo o da Justiça – do que pelo próprio Ministério da Educação. “Em Curitiba, temos uma parceria com o Ministério da Saúde e isso faz sentido, dado o enfoque do programa. Mas percebo que

alguns ministérios, em especial o da Saúde, vêm cobrindo lacunas deixadas pelo MEC”, afirma Tono Reis.

O próprio MEC reconhece que não possui programas específicos nessa área. O ministério não tem um programa próprio que fale da questão da sexualidade, mas há uma orientação dentro dos PCNs para que ela seja abordada dentro das escolas “, afirma Conceição Viegas, sexóloga do Instituto de Ciências Sexológicas e Orientação familiar, consultora do MEC para o tema”. Mas isso não acontece se os professores não têm formação para isso. Às vezes, uma pequena curiosidade do aluno torna-se um problema enorme dentro da escola.”

Para Conceição, a capacitação do professor é a única forma de “impermeabilizar” a escolas ao preconceito que vem da educação familiar. “Não se pode cobrar das famílias que tenham uma postura não preconceituosa. Mas da escola sim, é preciso cobrar”, defende a especialista.

São poucas as instituições de ensino públicas que possuem algum projeto estruturado como o *Aprendendo a Viver*, de Curitiba. Ou como o projeto *Educando para a Diversidade*, desenvolvido na rede municipal de São Paulo. Ou ainda como o programa *Todo preconceito deve ser combatido*, de capacitação para coordenadores de redes municipais de Rondônia.

“O maior problema são os professores, é muito mais difícil acessá-los do que os alunos”, afirma Maria Cecília Carlini Macedo, coordenadora do projeto de orientação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. “Há escolas em que apenas um ou dois [professores] fazem parte do projeto”.

Escolas privadas – Entre as instituições particulares, poucas também têm projetos estruturados, como o desenvolvido pelo Colégio Bandeirantes, de São Paulo (SP). Desde 1992, os professores são capacitados por meio de uma parceria com o Instituto Kaplan – um centro de estudos sobre sexualidade. Treinados, eles ministram aulas para alunos do colégio sobre temas variados. O *site* do colégio tem um *link* dedicado a tirar as dúvidas dos alunos sobre sexualidade.

Maria Estela Zanini, coordenadora do projeto, aponta que “existe um preconceito muito forte, principalmente dos meninos”. Ela conta que, nos raros casos de homossexualidade revelados entre os alunos, a escola age para evitar que o jovem seja excluído do grupo.

Em relação aos professores homossexuais, Maria Estela garante que o procedimento é o mesmo. “Não podemos confundir a orientação sexual do professor com o seu lado profissional”, afirma. Ela reconhece que há uma “implicância inicial dos alunos”, mas afirma que, se o professor “ganhar a sala, se for um bom profissional, logo eles deixam as brincadeiras para trás”.

Para a psicóloga Maria Alves de Toledo Brum, o problema não é apenas a falta de capacidade da escola em lidar com a homossexualidade. “Muitas escolas não têm qualquer programa de educação sexual”, afirma. “A escola entra no jogo do ‘deixa que eu deixo’, não assume, não compartilha um momento que os jovens vivem em relação à sexualidade”.

Beto de Jesus, consultor em educação sexual que coordenou a implantação do programa *Educando para a Diversidade* na rede municipal de ensino de São Paulo, resume em poucas palavras a importância de a escola estar atenta à questão: “A escola precisa ensinar, antes de tudo, o respeito à diversidade”.

...

REALIDADE E FICÇÃO

Ao contrário do que sugere a televisão, pesquisa da UNESCO revela: metade dos pais não quer colegas homossexuais para seus filhos.

➤ Alunos que não gostariam de ter um colega de classe homossexual:

- MAIOR ÍNDICE (Fortaleza – CE): **31%**
- MENOR ÍNDICE (Belém – PA): **23%**

- Professores que não gostariam de ter homossexuais como seus alunos:
 - MAIOR ÍNDICE (Distrito Federal): **6%**
 - MENOR ÍNDICE (Porto Alegre - RS): **2%**

- Pais que não gostariam de homossexuais como colegas de escola do seu filho:
 - MAIOR ÍNDICE (Fortaleza – CE): **48%**
 - MENOR ÍNDICE (Porto Alegre - RS): **22%**

- Mulheres que não gostariam de ter colegas homossexuais:
 - MAIOR ÍNDICE (Recife - PE): **22%**
 - MENOR ÍNDICE (Rio de Janeiro - RJ): **10%**

- Homens que não gostariam de ter colegas homossexuais:
 - MAIOR ÍNDICE (Vitória - ES): **45%**
 - MENOR ÍNDICE (Belém – PA): **34%**

Fonte: Unesco: Pesquisa Juventudes e sexualidade, coordenada por Mary Garcia Castro, Miriam Abramovay e Lorena Bernadete Silva.